

GT52: Memória e reconstrução de mundos: práticas etnográficas frente às situações limite

Felipe Magaldi, Carolina Castellitti

Desde a obra de autores como Michael Pollak, a relação entre as situações limite e as dinâmicas da memória, do esquecimento e do silêncio se tornou incontornável. Atualmente, as ciências sociais e a filosofia têm conferido crescente atenção às rupturas do cotidiano por meio de diversas nomenclaturas conceituais - eventos críticos, crises, catástrofes, traumas, desastres patrimoniais e ambientais - em que a memória aparece frequentemente ao lado das demandas por verdade, justiça e/ou reparação histórica. O colonialismo, o autoritarismo, as ditaduras militares, a violência de Estado e o neoliberalismo surgem frequentemente como cenários privilegiados dessas reflexões. Na presente conjuntura sanitária, a pandemia de covid-19 é narrada como um "trauma coletivo" que deixará um legado marcante para a humanidade, de sofrimento, luto, mas também de luta - duas dimensões inseparáveis. A partir de situações etnográficas diversas, este GT propõe um diálogo sobre as modalidades de construção de memória frente a trajetórias e mundos estilhaçados pela violência e pela exploração e precarização capitalistas. Trata-se aqui de compreender como se dá a redefinição das identidades sociais quando a ordem naturalizada do mundo habitual é quebrada - e a quebra incorporada no ordinário. Como matéria prima dessa reflexão, pode-se elencar distintas modalidades de enunciação dos acontecimentos, envolvendo testemunhos orais ou escritos, imagens, objetos, inscrições corporais e expressões artísticas.

(Po)éticas das águas

Autoria:

pensando no(s) contexto(s) de crise(s) do Mundo como o conhecemos, parto da Oceanografia enquanto um campo de práticas fundamentadas e circunscritas a uma performatividade da (suposta) neutralidade do conhecimento científico que, fixada aos pilares onto-epistemológicos da Modernidade - fortalecidos por estruturas e aparatos bélico-militares nos contextos de guerras - e a uma ética cisheterogenerificada, (re)produz e faz (re)produzir discursos e condutas que autorizam, perpetuam, e fortalecem estruturas colonizadas e colonizadoras do Mundo Ordenado no campo das águas - especialmente (mas não só) no âmbito acadêmico-profissional -, immanentemente silenciando outras (possíveis) narrativas. a partir da quebra (tanto em termos onto-epistemológicos quanto lingüísticos e/ou metafóricos) como espaço e rota de fuga dos mecanismos de captura, busco, com base na composição de um (sempre fluido) arquivo oceânico, mergulhar ativamente rumo às memórias aquáticas que operam, na superfície, como fácies do evento moderno-colonial fundamentado na repetição das configurações fractais da violência capital racial, mas que, aqueles em profundezas, subsistem como formas tentaculares (cthulhucênicas) de memórias naufragadas que, submergidas (como violência, ou como fuga), propagam-se (como trauma) na con/seqüência das ondas (de esteira) da escravização, inscrita historicamente entre os séculos XVI ao XIX. trabalhando a partir de um exercício (po)ético junto à metodologia da iluminação por luz negra (que permite aos objetos-sujeitos que brilhem por si próprios), busco (re)pensar prosas (sempre-já existentes) entre as Ciências do Mar e as Sociais e Humanas, especulando e investigando - na mesma medida em que busco aberturas (rasgáveis) da/na matriz de dominação - a respeito de outra(s) possibilidade(s), em relação profundamente implicada nos/com os ambientes aquáticos, costeiros, oceânicos, (re)direcionando o fluxo das águas para outros caminhos (possíveis e possantes) para além dos sistemas de exploração, exploração, expropriação, e des-envolvimento em hipnose da linearidade moderno-colonial.

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

